

# BLACK LIVES MATTER: GÊNESE E ADAPTAÇÕES DO MOVIMENTO

MENDES, Lavínia de Sousa Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir de 2020, com o assassinato de George Floyd, vimos de forma bastante difundida a hashtag #blacklivesmatter, traduzida no “pretoguês” por “vidas negras importam”. Esse movimento - iniciado e gerido por mulheres negras - tem seu marco no ano de 2012, após a não criminalização do assassino do jovem negro Trayvon Martin. As ações que se iniciaram por Opal Tometi, Alicia Garza e Patrisse Cullors, principalmente a partir do ano seguinte, tomaram o mundo sete anos depois, amplitude que gerou novas articulações internas ao próprio movimento Black Lives Matter. Esta breve pesquisa tem por intuito compreender o BLM, em contexto estadunidense, partindo de textos produzidos pelo mesmo. Ainda, propomos o exercício de relatar como estamos encaminhando o estado da arte sobre a temática. O caráter do trabalho é descritivo e reflexivo, traçando parâmetros entre 2013 e 2020, sem foco na recepção brasileira ou em qualquer outro país. Vale lembrar que esta escrita faz parte do exercício teórico inicial para o trabalho final pela especialização Uso Educacional da Internet pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), que propõe discutir BLM a partir de metodologias ativas, dinâmica executada juntamente ao coletivo NEGRA (Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Africanidades)-IFG Goiânia.

**Palavras-chave:** Black Lives Matter. Mulheres negras. Trayvon Martin. George Floyd.

## 1 - Para começar...

Esta pesquisa compõe os primeiros movimentos de investigação bibliográfica para o trabalho de conclusão da especialização em Uso Educacional da Internet (UEI) pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), que apresenta a temática “Metodologias ativas na perspectiva docente: abordando o movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam)”.

A proposta de pesquisa é discutir a aplicação do movimento BLM (abreviação de Black Lives Matter referenciada ao longo do texto) como conteúdo através de metodologias ativas. O público-alvo dessas intervenções é o coletivo NEGRA (Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Africanidades), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), campus Goiânia - coletivo composto majoritariamente por licenciandos, licenciados e professores em exercício.

Tem-se por intuito através desta breve escrita comentar sobre o movimento Black Lives Matter (BLM), especificamente sobre sua gênese e seus desdobramento em contexto estadunidense. Além disso, pretendemos refletir sobre as impressões traçadas até o momento

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pelo IFG (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás) e cursa especialização pela UFLA (Universidade Federal de Lavras). E-mail: lavmendes23@gmail.com

sobre a produção bibliográfica que tivemos contato sobre o BLM, em específico no contexto estadunidense, e quais caminhos traçamos para levantar referências.

É um desafio no Brasil propor quaisquer temáticas referentes às populações negras no ambiente escolar, apesar dos ganhos após a aprovação da lei número 10.639, em 2003. Os assuntos do presente, ou seja, das últimas duas décadas, estão em pleno desenvolvimento pelos jovens intelectuais em formação na academia e movimentos de base (hip-hop, rap, funk, poetas, escritores, empreendedores e outros), que percebem a necessidade de se reeducar para resistir (COSTA, MARTINS, 2020; GOMES, 2011).

Ao buscarmos interpretações sobre o passado, infelizmente, nos deparamos com o resumo da história afro-brasileira ao período de escravidão, a resistência resumida aos quilombos e alguns movimentos estruturados por negros de classe média, como o TEN (Teatro Experimental do Negro). Queremos dizer que ensinar conteúdos étnico-raciais requer tanto lidar com estereótipos quanto partir do desconhecimento, por parte da maioria, dos eventos e personagens pouco citados e estudados.

O desenvolvimento do presente texto está dividido em duas partes: a primeira tem por intuito relatar o processo inicial de investigação virtual bibliográfica, através das plataformas Scielo e Google Acadêmico; a posterior reflete o que foi possível absorver sobre a fundação, transformações e impactos do Black Lives Matter nos últimos anos.

## 2 - Investigação bibliográfica sobre o movimento Black Lives Matter

Ao buscarmos referências bibliográficas para a presente pesquisa, priorizamos duas plataformas: Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico, com intuito de encontrar discussões sobre a gênese do BLM e a relação com o ambiente educacional. Destacamos que nos termos inseridos para localizar textos somamos o nome do movimento em inglês e outra palavra em português, a fim de encontrar textos em nossa língua. Apontamos os seguintes resultados obtidos até o dia 26/04/1997:

Tabela 1 - Scielo

<b>Termos utilizados na busca</b>	<b>Resultados</b>	<b>BLM aparece no título</b>
Movimento Black Lives Matter	5	2 (um em português, outro em espanhol)
Black Lives Matter na escola	0	0
Black Lives Matter e ensino	1	1 (em português)

Pesquisamos também pelo termo “Black Lives Matter e educação”, no entanto, o resultado levou a um texto que já está entre os números já demonstrados. Os três títulos encontrados foram “A tomada do palco: performances sociais de Mao-Tsé Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje” (ALEXANDER, 2017), “Juan Montaña Escobar, el jazzman de los 8 minutos 46 segundos de Black Lives Matter” (HANDELSMAN, 2020) e “Black Lives Matter nos currículos: imprensa negra e antirracismo em perspectiva transnacional” (PEREIRA, 2019).

No Google Acadêmico, “Black Lives Matter e educação” repetiu os títulos da plataforma Scielo. Importante notar que os números de resultados no GA no geral são mais densos e amplos, dessa forma, não consideramos na soma aqueles que já apareceram na Scielo e que explicitamente não se relacionam à temática tratada. Percebemos produção que trabalham o BLM relacionando ao ativismo digital, às relações internacionais e transnacionais, literatura negra de resistência, ao movimento pelos direitos civis, recepção e efeitos no Brasil, o movimento em contexto de pandemia de covid-19 e outros.

Tabela 2 - Google Acadêmico

<b>Termos utilizados na busca</b>	<b>Resultados</b>	<b>BLM aparece no título</b>
Movimento Black Lives Matter	1	1
Black Lives Matter na escola	1	1
Black Lives Matter e ensino	0	0

Os dois títulos mais próximos foram “Racismo Estrutural no Brasil e nos Estados Unidos: uma análise sobre a desigualdade racial e o movimento Black Lives Matter” (SOUSA, 2022) e “Black lives matter: efeitos e sentidos da teoria racial crítica na sala de aula de língua inglesa da escola pública” (PINTO JÚNIOR, 2020), único texto vinculado à pesquisa em pós-graduação.

Em outras pesquisas avulsas dois artigos discutem o surgimento do BLM de forma bastante proveitosa para a pesquisa: “Vidas negras importam: o que dizemos nós mulheres negras ativistas, intelectuais e artistas” (RODRIGUES, 2021) e “O surgimento do movimento #blacklivesmatter [vidas negras importam]” (TAYLOR, 2018).

Outros dois, de forma ácida contrapoem a afirmação “vidas negras importam” com as realidades étnico-raciais durante a pandemia. Estes artigos são o de autoria de Santos Júnior (2020), “Black Lives Matter? Um debate sobre igualdade racial em tempos de covid-19”, e das acadêmicas Fernanda Carla da Silva e Viviane Lima Martins (2020), de título “Vidas negras

importam? A urgência de pensar a educação antirracista frente aos impactos da pandemia de COVID-19”.

Diante a dificuldade de encontrar textos que discutissem com mais detalhes as dinâmicas do BLM, acabamos cedendo às referências em inglês com foco em específico na autoria dos próprios membros. Assim, tivemos contato com relatórios que trazem textos livres e dados sobre crescimento internacional, acessos de suas redes sociais, formas de comunicação com o público externo e outros. O principal documento se intitula “Black Lives Matter: 2020 impact report”, escrito pelo grupo, postado no seu site oficial no mesmo ano citado no título.

### **3 - Afirmações possíveis sobre o BLM: limites e desafios de pesquisa**

O racismo estrutural é um entendimento, noção e conceito acadêmico difundido entre as resistências e intelectuais negros. Parte-se das interpretações de que as desigualdades étnico-raciais se fundamentam na essencialização de que os sujeitos negros são impuros, sujos, preguiçosos, incivilizados, enquanto suas culturas são demonizadas. Essas tentativas em justificar a inferioridade negra-africana elege, em contramão, modelos aceitáveis de sociedade, que são espelhadas na europa colonizadora (PINTO JÚNIOR, 2020; RODRIGUES, 2021; SOUSA, 2021).

Para além da força, do poder de reação e proteção na medida do possível aos pares, o ativismo negro também é espaço de diálogo, liberdade, autorreconhecimento e reeducação. Paralelo a isso, Patrisse Cullors, no texto de abertura do “Black Lives Matter: 2020 impact report” afirma, ao final, “that Black joy matters” [tradução livre da autora: que a alegria preta importa] (BLACK LIVES MATTER, 2020, p. 5).

Black Lives Matter e, no Brasil como uma bandeira levantada por todos os movimentos negros, Vidas Negras Importam são respostas, reações e gritos em resposta ao genocídio sistematizado contra as vidas negras. Em um mix de inconformidade, afeto, raiva e atitude, as estratégias de sobrevivência proporcionam cada vez mais possibilidades-outras.

Partindo desse mapa de ideais e conceitos, as resistências negras compreendem sua atuação como estratégia de sobrevivência e ruptura, aos poucos, com o sistema vigente, com forte base histórica em todo o globo. Das trocas de afetos às vagas em universidades e ocupação de cargos de poder, os movimentos e os sujeitos negros oxigenam suas vivências (GOMES, 2011).

A gênese do BLM se remete à resposta ao assassinato do jovem negro Trayvon Martin, em 2012, e no ano posterior o responsável George Zimmerman não foi responsabilizado como o público esperava. Outro impulso para o movimento foram os pedidos de justiça pelo

assassinato de Mike Brown cometido também por um policial. As manifestações explodiram em todo o país, em variadas áreas trabalhistas para além dos próprios movimentos negros (RODRIGUES, 2021; SOUSA, 2021; TAYLOR, 2018).

A gestão dessa onda, que se constituiu logo como um grupo organizado, partiu de uma trinca feminina, que não iniciou a trajetória política e ativista com o BLM:

Alicia Garza, escritora, integrante da Aliança Nacional de Trabalhadoras Domésticas”; Patrisse Cullors, artista e membra da Coalizão contra a Violência Policial em Los Angeles; e Opal Tometi, da Aliança Negra pela Imigração Justa (RODRIGUES, 2021, p. 35).

Três mulheres negras à frente do movimento social de maior alcance e amplitude do século XXI, até o momento, é extremamente expressivo, num momento em que presenciamos o avanço reacionário no mundo. O simbolismo por trás dessa movimentação é esperançoso, demonstra força e o quanto a coletividade transnacional pode colaborar para tornar centrais debates sobre direitos humanos.

As manifestações chamando atenção para a violência e os assassinatos contra as comunidades negras se multiplicaram nos Estados Unidos entre os artistas, intelectuais, trabalhadores e ativistas:

Alguns congressistas negros interromperam a sessão com o protesto simbólico “mãos ao alto, não atire” – uma semana depois, várias centenas de funcionários de gabinete do congresso, a maioria negros, entraram em greve em protesto. Atletas profissionais negros vestiram camisetas dizendo “Não consigo respirar”, abrindo o caminho para times de estudantes de faculdades e ensino médio também usarem as camisetas. Milhares de alunos e alunas de faculdades, ensino médio e fundamental organizaram e participaram de mortações [forma de protesto na qual os manifestantes se deitam no chão como se estivessem mortos], paralisações, marchas e outras formas de protesto público. Alunos de 70 faculdades de medicina organizaram mortações com a palavra de ordem “Jalecos Brancos pelas Vidas Negras”, em solidariedade com os protestos que varreram o país. Defensores públicos e outros advogados organizaram suas próprias ações, incluindo a agora familiar tática do mortação (TAYLOR, 2018, p. 109).

A utilização da internet foi estratégica para que os ecos em prol das vidas negras se tornassem internacionais. A hashtag #blacklivesmatter ganhou visibilidade num ritmo e numa dimensão surpreendente neste início de século (RODRIGUES, 2021; SOUSA, 2021).

Mirella Moura Sousa (2021) considera que o transnacionalismo, o fenômeno da globalização e as decisões internacionais dificulta a participação dos menos favorecidos e restringe a possibilidade de mudança. Ainda assim, a autora chama atenção que a “conectividade gerada pela internet (...) acabam por favorecer a eclosão de vínculos entre os movimentos antirracistas, gerando oportunidades e trocas entre ativistas” (p. 27).

Apesar da questão racial aparentar inevitável, naquele momento:

Obama – que esteve relutante, quando não abertamente hostil, em discutir a persistência da desigualdade racial enquanto atacava as comunidades negras pelo seu mal com-portamento e ineptidão moral - mudou a ênfase de seus comentários públicos. Numa entrevista alguns dias depois dos grandes protestos de 13 de dezembro, o presidente e sua esposa, Michelle Obama, descreveram suas experiências com desrespeitos raciais e como foram confundidos com serventes (TAYLOR, 2018, p. 109).

Vale comentar que o movimento BLM além de apostar nas tags, construiu suas redes sociais, e-mail e site. O grupo afirma no seu relatório que na segunda metade de 2020 seu website foi visitado por 24 milhões de usuários, no facebook o perfil alcançou 750 mil seguidores, no twitter 1 milhão, no instagram 4,3 milhões, receberam 127.042.508 e-mails ao longo do ano e os destinatários aumentaram de 42.878 para 1.997.844 (BLACK LIVES MATTER, 2020).

Através desse crescimento, a arrecadação monetária se tornou realidade. Para isso, o e-mail se mostrou uma ferramenta estratégica, tanto para o BLM, quanto para outros grupos pro direitos humanos. Entre estes estavam Lead Life, Cure Violence Global, Urban Youth Harp Ensemble, KC Tenants, Cofed e National Queer & Trans Therapists of Color Network (BLACK LIVES MATTER, 2020).

Consequentemente, é inevitável comentar sobre 2020 como um dos principais marcos, caracterizado pela transnacionalidade do grupo. Em meio a pandemia de Covid -19 ou coronavírus, o assassinato de George Floyd impulsionou uma nova onda de manifestações a partir do Black Lives Matter nos Estados Unidos e a hashtag se capilarizou entre outros grupos ativistas estadunidenses e estrangeiros. Os números e as estatísticas expostos anteriormente se multiplicaram após o ocorrido (BLACK LIVES MATTER, 2020; COSTA, MARTINS, 2020; RODRIGUES, 2021).

A filmagem feita em Mineápolis, nítida, do joelho do policial Derek Chauvin tirando o fôlego de George Floyd viralizou, não apenas pela sua brutalidade, mas fundamentalmente pela reação dos movimentos negros estadunidenses, acompanhados de parte das comunidades brancas antirracistas (COSTA, MARTINS, 2020).

Em outros países, as manifestações também surgiram. No dia 07 de junho de 2020, o El País estampava a notícia com os respectivos título e subtítulo: “A onda de indignação contra o racismo se espalha por todo o mundo - Estados Unidos, Reino Unido, Bélgica, Espanha, Portugal, França, Brasil... Movimento ‘Black lives matter’ ganham adesão de multidões que se espalharam para ter suas vozes ouvidas neste domingo”. No Brasil, obviamente os movimentos

negros se atentaram ao ocorrido apoiando principalmente pelos meios virtuais e manifestações nas grandes capitais.

Os impactos de 2020 fizeram com que os integrantes do BLM reestruturassem e reorganizassem algumas frentes de luta do grupo, que se tornaram três: a que abreviamos para BLM encontramos no relatório como BLMGNF (Black Lives Matter Global Network Foundation), posteriormente, em conjunto perceberam a necessidade de multiplicar as frentes, discussão que originou o BLM Grassroots e BLM PAC (Black Lives Matter Political Action Committee).

Estas três instituições são irmãs e complementares entre si, por isso o funcionamento paralelo e diálogo horizontal são essenciais para que os resultados a médio e longo prazo sejam positivos. A Grassroots é citada por Patrisse Cullors como a instituição que não deixará de prestar atenção nos movimentos de base e as circunstâncias que deram origem ao grupo. A extensão PAC, por sua vez, prioriza a presença negra nas eleições estadunidenses e disputas de cargos representativos de poder na estrutura política democrática (BLACK LIVES MATTER, 2020).

Apesar de não ser um dos objetivos desse breve texto, é importante pontuar que no nosso país predominou dois posicionamentos entre os intelectuais e ativistas negros: por um lado, o apoio se deu por meio da hashtag original e postagens de engajamento coletivo sobre a violência policial contra as populações negras, por outro, se destacou a crítica interna aos brasileiros que se atentaram ao racismo apenas a partir de um evento estrangeiro. Dessa forma, questionaram/mos se realmente vidas negras importam, quais destas são vistas como relevantes e para quem (SANTOS JÚNIOR, 2020; RODRIGUES, 2021).

Naquele mesmo ano no Brasil vimos violências que receberam atenção das grandes mídias e das organizações negras, no entanto, as atenções da população se direcionava continuamente para os casos estrangeiros - insatisfação apontada pelas comunidades, ativistas e artistas negros.

No Brasil, temos o caso do menino João Pedro, 14 anos, morto em uma operação policial no complexo do Salgueiro (RJ), o sumiço e a morte de Gabriel, 18 anos, em Natal (RN), também, possivelmente, envolvendo a polícia, além do caso de Miguel, 5 anos, que morreu ao cair do 9º andar de um prédio, por negligência da patroa de sua mãe, que estava com ele por alguns instantes, enquanto a mãe, empregada doméstica, passeava com os cachorros ao lado de fora do prédio (COSTA, MARTINS, 2020, p. 202).

Em ato de resposta à importância do momento, alguns artistas e figuras públicas brancos disponibilizaram suas redes sociais - considerando a quantidade expressiva de

seguidores - para que influencers e ativistas negros se manifestassem (COSTA, MARTINS, 2020).

A impulsão de um movimento como o Black Lives Matter, de dimensão notável, ultrapassando os limites nacionais, gerido inicialmente por três mulheres negras estadunidenses, possibilita diálogos, parcerias e trocas de experiência entre ativistas negros e outros movimentos sociais de várias partes do mundo.

Além disso, o BLM é uma das demonstrações reais de que não estamos isolados, outros sujeitos e grupos buscam mudanças, enxergam as estruturas e as dificuldades impostas, utilizam de sua criatividade e inovam as formas possíveis de resistir ao longo do tempo.

#### **4 - Conclusões provisórias**

O primeiro ponto a se ressaltar são as dificuldades impostas para o ensino de história africana e afro-brasileira, que são reflexos do racismo estrutural. A invisibilidade de forma geral é profunda e no sistema educacional não é diferente (GOMES, 2011). O Movimento Black Lives Matter está entre os assuntos pouco conhecidos e estereotipados no Brasil.

A partir de nossas pesquisas bibliográficas pudemos perceber que os resultados são tímidos ao privilegiar que “Black Lives Matter” apareça no título, não apenas no corpo do texto. Surgem menos textos ao direcionar a busca relacionando o movimento Black Lives Matter com o ambiente escolar, como conteúdo, possibilidade de abordagem em sala e metodologias dinâmicas que proponham um lugar ativo e criativo para os discentes.

Paralelo a isso, sobre a gênese, o início e investigação do contexto de formação do BLM, as referências também são escassas. Por sua vez, as temáticas que dialogam com o movimento a partir da transnacionalidade, das redes sociais e mesmo das desigualdades étnico-raciais não apenas nos Estados Unidos, são mais recorrentes.

A explosão do movimento em 2020, relacionado ao assassinato de George Floyd, fez com que muitos intelectuais e ativistas voltassem o olhar para um movimento que se iniciou sete anos antes, porém, com fôlego internacional mais tímido. A violência policial foi a faísca inicial do BLM, organização emergente em 2013, quando não houve justiça pelo assassinato de Trayvon Martin no ano anterior (RODRIGUES, 2021; SOUSA, 2022; TAYLOR, 2018).

A visibilidade internacional, proporcionada em 2020, trouxe a possibilidade de diálogo e, além disso, colaboração mútua entre o BLM e outros grupos (componentes de sua base ou não). Aproximação com organizações prol comunidade LGBTQ+ e meio ambiente, por exemplo, se deu em 2020 (BLACK LIVES MATTER, 2020).

Nos últimos dois anos, o grupo BLM se complexificou em mais duas organizações, extensões fundamentais e indissociáveis, que se chamam BLM Grassroots e BLM PAC, priorizando o olhar para os movimentos de base que originaram o que conhecemos como Black Lives Matter e a presença negra nas disputas eleitorais e de cargos de poder representativo (BLACK LIVES MATTER, 2020).

O apoio externo ao BLM se materializou com manifestações ao redor do mundo e, logicamente, no Brasil. Um dos efeitos mais expressivos localmente foram as críticas à negligência e ao silêncio das autoridades públicas e da população de forma geral, que se comoveu diante as violências em território estrangeiro e não se manifestava com a realidade absurda que vivemos no nosso país (SOUSA, 2021).

Impactar o mundo com a pauta étnico-racial foi um dos efeitos colaterais das movimentações do Black Lives Matter. Além de chamar atenção para o crime contra Floyd, as ondas fizeram com que os movimentos negros e parte da população branca em variados países reavaliassem as desigualdades étnico-raciais locais. No Brasil, os intelectuais, artistas e ativistas negros compreendem a importância e grandeza do Black Lives Matter, assim como também devemos afirmar que Vidas Negras Importam.

Até aqui chamamos atenção para duas interpretações importantes: a centralidade das redes sociais no cotidiano reposiciona nosso olhar sobre o meio digital como também campo de resistência; logo, a virtualidade possibilita a aproximação e o diálogo entre movimentos e ativistas negros, proporcionando mais força para as resistências antirracistas (SOUSA, 2021).

Este início de século nos proporcionou ver o avanço reacionário-conservador em contraste com o axé do movimento negro de maior amplitude internacional dos últimos tempos.

### **Referências bibliográficas:**

ALEXANDER, Jeffrey C. A tomada do palco: performances sociais de Mao-Tsé Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje. **Sociologias**. 19 (44), 2017.

BLACK LIVES MATTER. **Black Lives Matter: 2020 impact report**. 2020. Disponível no link < <https://blacklivesmatter.com/2020-impact-report/> > (último acesso dia 10/04/2022).

COSTA, Fernanda Carla da Silva; MARTINS, Viviane Lima. Vidas negras importam? A urgência de pensar a educação antirracista frente aos impactos da pandemia de COVID-19. *Dialogia*, São Paulo, n. 36, p. 200-212, set./dez. 2020.

GOMES, Nilma L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAE**. V. 27, n. 1, jan/abr 2011.

HANDELSMAN, Michael. Juan Montaña Escobar, el jazzman de los 8 minutos 46 segundos de Black Lives Matter. **Nómadas**. Número 53, 2020.

MIGUEL, Rafa de. A onda de indignação contra o racismo se espalha por todo o mundo. **El País**. Postada dia 07/06/2020. Disponível no link <

<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-06-07/reino-unido-protagoniza-os-protestos-mais-intensos-da-onda-global-contr-o-racismo.html> > (acesso dia 07/05/2022).

PEREIRA, Amílcar Araújo. Black Lives Matter nos currículos? Imprensa negra e antirracismo em perspectiva transnacional. **Cadernos de pesquisa**. 49 (172), 2019.

PINTO JÚNIOR, Carlos Guedes. Black lives matter: efeitos e sentidos da teoria racial crítica na sala de aula de língua inglesa da escola pública. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Programa de pós-graduação em estudos linguísticos. 2020.

RODRIGUES, Vera. Vidas negras importam: o que dizemos nós mulheres negras ativistas, intelectuais e artistas. **Tessituras**. V. 9, n. 1, jan-jun 2021.

SANTOS JÚNIOR, Sérgio Augusto Ramos dos. Black Lives Matter? Um debate sobre igualdade racial em tempos de covid-19. **Fapergs**. Universidade Federal de Santa Maria. Texto publicado no dia 17/06/2020.

SOUSA, Mirella Moura. Racismo Estrutural no Brasil e nos Estados Unidos: uma análise sobre a desigualdade racial e o movimento Black Lives Matter. Trabalho de Conclusão de Curso. **Unifesp**. 2022.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. O surgimento do movimento #blacklivesmatter [vidas negras importam]. **Revista PUC-SP**. 2018.